

O Registro do Quilombo e a Universidade Popular de Cultura em Juazeiro do Norte

Resumo: Como resultado dos sucessivos ciclos migratórios que recebeu, Juazeiro do Norte no Ceará, “porto seguro dos naufragos da vida”, tornou-se território de culturas de resistência, clandestinas e contra-hegemônicas, continuadas pelos mestres da cultura, por moradores e romeiros do Padre Cícero nos locais sagrados e de forma irredutível nos festejos do Ciclo de Reis, chamados de Quilombo pelos mais populares. A pesquisa em andamento, cuja metodologia compreendeu o acompanhamento audiovisual dos Quilombos de 2005 a 2015, levantamentos bibliográficos e visitas domiciliares com entrevistas junto aos mestres e praticantes de reisado, guerreiro, banda cabaçal e lapinha, após inventariar grupos, atividades e saberes envolvidos nos ritos, procura problematizar a proposta de Registro dos Quilombos de Juazeiro como Patrimônio Cultural do Brasil, tendo em vista a implantação de uma Universidade Popular de Cultura, projeto idealizado, intensamente discutido e elaborado pelos mestres, como salvaguarda e tática para superação do apartheid que vem comprometendo a transmissão dos saberes e continuidade dos ritos.

Palavras chaves: Patrimônio Cultural, Reisado, Política Cultural, Educação, Democracia

Em que medida o Registro do Quilombo de Juazeiro do Norte como patrimônio cultural do Brasil acrescenta algo ou colabora para a continuidade do rito que sempre aconteceu de forma autônoma, com características singulares e específicas, no Ciclo de Reis nesta cidade identificada pela presença de culturas clandestinas e de resistência, auspiciadas pelo trabalho missionário e social do Padre Cícero Romão Baptista (1844-1934), o santo maior do hagiológico popular brasileiro? Com que argumento a candidatura do Quilombo pode ser defendida para análise pelo IPHAN, uma vez que já houve a submissão e a recusa da candidatura do “Reisado do Brasil” pelo órgão? Como o registro, em vez de fria e inócua inscrição em livro tomo, ato que aprisiona, engessa ou mercantiliza a cultura, pode ser uma política viva e participativa que reconhece e aprofunda os processos de transmissão de saberes, colaborando para a promoção dos direitos e a qualidade de vida dos praticantes?

Em Juazeiro do Norte ainda é possível presenciar grupos de reisado, guerreiro, bandas cabaçais e lapinhas em 25 de dezembro, 01 e 06 de janeiro, chamados de dias de “Quilombo” pelos populares. O estudioso Oswald Barroso ensina que ocorrem cinco tipos de reisado no Ceará: Congo, Caretas ou de Couro, Baile, Caboclos e os Bois; em Juazeiro predomina o Reisado de Congo, que se diferencia dos demais pelo uso da espada pelos praticantes. Reisados em Juazeiro têm ritos próprios como a benção dos trajés na Colina do Horto, a presença nas romarias de Candeias (02 de fevereiro), aniversário do Padre Cícero

(24 de março), morte do Padre Cícero (22 de julho), Padroeira (setembro) e Esperança (02 de novembro). Os grupos também prestigiam “Renovações” nas residências, quando louvam o Sagrado Coração de Jesus e fazem a brincadeira no terreiro, com a representação de mais de 60 entremeios como o boi, o cangaceiro e o jaraguá. O Reisado de Congo que tira Quilombo em Juazeiro tem sua espinha dorsal composta por um mestre, dois palhaços Mateus, uma Catirina (palhaço vestido de mulher), o rei, a rainha e o contra mestre, dois cordões, em cada lado, embaixador, guia, contra-guia, coice, contra-coice e o bandeirinha; o guerreiro em Juazeiro é uma variação do reisado desenvolvida por mulheres; já a música cabaçal com zabumba, caixa, tarol e pífano remete às culturas indígenas Cariris originárias do lugar.

Os populares denominam *Quilombo* à tradição de reisados e guerreiros percorrerem as ruas de Juazeiro em cortejo, acompanhados por uma banda cabaçal, quando os praticantes vivenciam uma sucessão de obrigações, penitências, aventuras e peripécias numa caminhada sob sol abrasador que alcança distâncias inimagináveis até o anoitecer. Uma média de 20 grupos de reisado, dois guerreiros e 15 bandas cabaçais tiram o Quilombo do Nascimento (25 de dezembro), Ano (01 de janeiro) e Reis (06 de janeiro). No Quilombo as fronteiras do mundo sensível com o mágico, o encantado e o sagrado são cruzadas num ir e vir constante, o cortejo transita por zonas intersticiais, medianeiras do céu e da terra, do sagrado e do profano, onde os praticantes e acompanhantes vivenciam medos, batalhas, perseguições, fugas, derrotas colossais, vitórias espetaculares, realizam atos de bravura e gestos heróicos. Ano após ano os brincantes caminham pelas mesmas ruas, inscrevendo os Quilombos na memória dos moradores como um corpo de múltiplas vozes animado, colorido e onírico, como uma escultura humana que se movimenta, modela e se ajusta às formas das ruas e do relevo. Os cortejos são seguidos por uma comitiva formada por moradores, familiares de praticantes e outros que podem somar 2 mil ou mais pessoas que se apropriam da cidade, cujo direito nos demais dias do ano lhe é negado. Em geral são trabalhadores egressos da agricultura e pecuária, artesões do couro, gesso, madeira, barro, bordado, palha, ambulantes, carroceiros, pedreiros, ferreiros, funileiros, carpinteiros, sapateiros, empregados domésticos, garis. Observa-se que os mestres são cidadãos de menor renda, residem nas periferias vilipendiadas nos direitos mais essenciais como acesso à água, alimentação de qualidade, saúde e educação.

Durante os Quilombos, reisados, guerreiros e bandas cabaçais visitam casas de amigos,

mestres aposentados, igrejas e locais sagrados, onde “Tiram o Divino”. Quando dois ou mais reisados se encontram, uma complexa dramaturgia ritual acontece, até que no auge da cena, um jogo (combate) de espadas é desencadeado com o objetivo da tomada da rainha do grupo rival. O encontro de reisados é a apoteose do Quilombo, nele espera-se o duelo dos grandes jogadores de espada, heróis emergem e são celebrizados pelas narrativas, laços de amizade, solidariedade e companheirismo são fortalecidos, intrigas e mágoas surgem, alimentam planos de vingança e revanche.

De acordo com a história oral e a literatura, o Quilombo já acontecia no século XIX; relatos de memorialistas confrontados com os registros audiovisuais dos Quilombos na contemporaneidade evidenciam como o rito foi se modificando no tempo, estabelecendo uma identidade narrativa (RICOEUR, 1984, p. 418); é possível perceber o fluxo da cultura e também o que Ricoeur enunciou como identidade de promessa, ou seja, o espaço da inovação e o acordo sobre o que não deve ser mudado.

Se antes uma miríade de caretas mascarados percorria a cidade divertindo os moradores, no século XXI famílias passaram a trancar as portas quando escutam zabumba ou chicote. Produtos dos agenciamentos de dinâmicas de violência e exclusão social a que crianças e jovens estão expostos, como um grito de contra-violência, caretas contemporâneos chamam a si mesmos de “cão” (diabo), brincam anônimos sob máscara assustadora e traje preto, portam um longo chicote de câmara de pneu que manejam no ar e golpeiam o chão produzindo estampido de tiro; os “cão” chegam às dezenas quando os cortejos de reisado estão para sair, correm à frente estourando chicote, fazendo zoadas, às vezes acertando alguém, pedindo dinheiro, provocando susto, medo, piada e risos; no encontro de reisados, os “cão” isolam a cena com os chicotes, no ambiente tenso, intimidam e respondem aos insultos do outro grupo. Devido a intrigas entre brincantes, rivalidades territoriais e identitárias entre as comitivas, consumo excessivo de álcool, brigas de “cão” e a presença de pessoas que aproveitam a multidão para resolver problemas particulares, tumultos, agressões físicas e mortes começaram a ocorrer nos encontros de reisados a partir do ano 2000. Somado a este problema de difícil resolução, o crescimento urbano descontrolado, os novos costumes citadinos e a mudança urbana de Juazeiro: o patrimônio material foi demolido, carros ocuparam as ruas do brincante-pedestre e passam em alta velocidade ignorando a segurança dos cortejos; sucede ainda o despreparo da polícia que revista, agride e apreende inocentes. De acordo com os mestres, a causa maior

dos males que atingem o Quilombo e os grupos de tradição em geral são as políticas públicas que privilegiavam produtos midiáticos, mercadológicos e cartelizados, um *apartheid* de culturas expresso, por exemplo, nas festas do calendário municipal, quando prefeitura, Estado e Igreja contratavam bandas-empresa por 300 mil ou mais Reais, enquanto para reisados, música cabaçal, a política era abandono e omissão.

Uma primeira discussão sobre registro dos reisados e dos Quilombos como tática para fortalecimento da cultura em Juazeiro aconteceu em junho de 2008, na sede do grupo União dos Aristas da Terra da Mãe de Deus, com a participação dos mestres, pesquisadores e ativistas. Na ocasião, ao lado de discutir as leis do patrimônio imaterial, avaliou-se a possibilidade do Registro do reisado ou do próprio Quilombo; posteriormente, estudiosos se adiantaram e submeteram o pedido de candidatura do Reisado do Brasil, indeferido pelo IPHAN, com a alegação do caráter genérico do mesmo.

Em outubro de 2008, com a eleição de um inédito prefeito do Partido dos Trabalhadores, que encampou no programa de governo uma antiga reivindicação local, especificamente, a organização de uma universidade popular, onde os mestres pudessem pesquisar, trocar, transmitir e praticar os saberes, com mecanismos de renda para continuarem os modos de vida com maior justiça social, a discussão sobre o Registro dos Quilombos ganhou mais força. A partir de julho de 2009 até fins de 2010, cerca de 200 mestres e praticantes de tradição cabaçal, natalina, junina, violeiros, xilográfos, cineastas, universidades, padres, representantes do poder público, artesões, pesquisadores, ativistas, entre outros reunidos na secretaria municipal da Cultura, diagnosticaram problemas e elaboraram medidas para desenvolver o patrimônio cultural. De forma participante e ativa, os mestres identificaram o Registro do Quilombo, o dia de todas as culturas saírem às ruas, “*o dia quando podemos viver a nossa liberdade*”, como estratégia para implantação da sonhada UPC. Para a Universidade ser *Popular*, quatro questões foram consideradas: (1) o acesso discente e docente; (2) o projeto pedagógico; (3) o modelo de gestão; (4) o compromisso ético em formar cidadão dedicados a uma sociedade socialmente justa e ambientalmente equilibrada¹.

¹ A experiência da UPC em Juazeiro do Norte foi tema de comunicação do IV Simpósio Internacional de Políticas Culturais na Casa de Rui Barbosa em maio de 2015 e pode ser conhecida em mais detalhes por meio do artigo publicado nos anais do evento.

Conclusões preliminares

Observa-se que o povoamento da Região Cariri Cearense por grupos não indígenas remonta fins do século XVII, ou seja, é coetâneo à guerra total para destruição da rede de Quilombos que compunham Palmares; verifica-se que as expedições de bandeirantes que liquidaram o Estado Negro foram as mesmas que arrasaram a Confederação dos Cariris que resistia à usurpação das terras e à escravidão. Otávio Aires afirma que nas antigas fazendas do Cariri, os escravos teriam permissão para vivenciar suas culturas e ritos nas festas natalinas, o que ajudou para a elaboração dos reisados e a transmissão da memória dos Quilombos. A prática humanista do Padre Cícero, o Milagre da Hóstia (1889) e os fatos inexplicáveis que se repetiram com a beata Maria de Araújo, associados às condições ambientais propícias para a agricultura e a pecuária, as feiras e o comércio coruscante de Juazeiro motivaram o deslocamento de milhares de refugiados para resistir ao lado do padrinho, grande parte deles oriundos de regiões de Alagoas, Sergipe e Pernambuco onde localizavam-se os remanescentes de Palmares; entre os adventícios chegaram também beatos das casas de caridade do Padre Mestre Ibiapina perseguidos pela Igreja Romanizada, sobreviventes de Canudos, camponeses expropriados da terra, artesões, artistas, mestres da cultura que trocaram com mestres locais na música cabaçal, cordel, artesanato, no reisado e lapidaram a tradição dos Quilombos.

O Registro do Quilombo de Juazeiro em vez do Reisado do Brasil, portanto, ao lado de tornar mais específico o bem, o território e o grupo a ser patrimonializado, é também mais abrangente, pois além do reisado, abraça a cabaçal, lapinhas, artesões, os músicos, os caretas que participam dos ritos; por outro lado registrar o Quilombo colabora na superação do paradigma da política patrimonial associada à preservação de uma memória branca, senhorial e católica demonstrado por Bartolomeu Figueroa; o Registro do Quilombo inclui na memória nacional povos, culturas e memórias clandestinas, historicamente estigmatizadas e silenciadas, propiciando uma reescrita da história e significativa mudança no imaginário que a sociedade compartilha. Observa-se que ao estabelecer o desenvolvimento da Universidade Popular como salvaguarda, o Registro coloca em prática uma proposta elaborada pelos principais beneficiários da política cultural, combate o apartheid de culturas, assegura a transmissão dos saberes e a promoção de direitos sociais, econômicos, ambientais, culturais e simbólicos dos praticantes.

Referências bibliográficas:

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Juazeiro do Padre Cícero: A Terra da Mãe de Deus. 2.a Ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008. 378 p.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Padre Cícero Romão Batista e os Fatos do Juazeiro: Emancipação política de Juazeiro do Norte. 1.a Ed. Fortaleza: Editora SENAC-Ce, 2012. 518 p.

BARROSO, Oswald. Teatro como encantamento: Bois e Reisados de caretas. 1. Ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013. 433 p.

BRANDÃO, Théo. O Reisado Alagoano. São Paulo: Ed. Departamento de Cultura, 1953.

BRASIL. Constituição do Brasil. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. Ministério da Cultura. Plano Nacional de Cultura. Brasília, DF, 2012.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano – artes do fazer. 13.a Ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 1v.

DINIZ, Manuel. 1935 - Mistérios de Joazeiro: história completa do Padre Cícero Romão Baptista do Joazeiro do Ceará. 1.a Ed. Juazeiro do Norte: Tipografia O Juazeiro, 1935. 196 p.

FILHO, J. de Figueiredo. O Folclore no Cariri. 1.a Ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962. 112 p.

FILHO, J. de Figueiredo. História do Cariri. 1.a Ed. Crato: Faculdade de Filosofia, 1964. 93 p.

FREITAS, Décio. Palmares a Guerra dos Escravos. Ed. Graal, Rio de Janeiro, 1976.

Medeiros, Bartolomeu Tito Figueiroa. Quando o campo é o Quilombo: etnicidade, políticas culturais e negociações. Brasília, UNB (Relatório Pos doc, mimeo), 2009.

MENESES, Otávio Aires de. Dia de Reis no Juazeiro de Outrora. 1. Ed. Fortaleza: Ed. Mostra Cariri, 2008. 90 p.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Papyrus, 1984. 3v.

THOMPSON, Edward Palmer. Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional. 1.a Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 493 p.

POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens de nossa época. 7.a Ed. Rio de Janeiro: Campus/ Elsevier, 2003. 349 p.

